Começar custa sempre.

14.02.2011

A noite já vai longa, mas esta foi a primeira vez que senti necessidade de escrever aquilo que sinto antes de um dia de aulas. Estou nervosa e ansiosa pelo dia de amanhã.

Será a primeira vez que irei leccionar depois do 1.º Período de aulas ter terminado. Será como um novo começo e começar, na maioria das vezes, custa sempre.

Pela primeira vez irei leccionar três aulas no mesmo dia. Vou dar uma aula ao 10.º ano e duas aulas ao 9.º ano, aliado ao facto da minha colega Filipa, que sempre observou as minhas aulas, não poder estar comigo no dia de amanhã. Irá faltar um dos meus pilares de suporte.

Já tenho as aulas de amanhã preparadas a algum tempo. O período de tempo que tivemos sem leccionar deu espaço às planificações mais reflectidas e melhor estruturadas. Houve tempo para pensar em estratégias de ensino mais dinâmicas e motivadoras. Mas, de facto, esta realidade não me retira a ansiedade e inquietação que sinto.

Amanhã vou começar a leccionar a Subunidade Obtenção de Matéria pelos Seres Heterotróficos, ao 10.º ano. Esta subunidade compreende quatro aulas e, também, será a primeira vez que irei leccionar sozinha uma subunidade completa. Tudo experiências novas.

No início da aula, vou realizar um pequeno texto de diagnóstico de modo a aferir os conhecimentos prévios dos alunos acerca do que são seres heterotróficos, e, de seguida, vou realizar algumas actividades que visam relembrar alguns termos e conceitos já leccionados, sobre a ultra-estrutura da membrana plasmática. Ainda nesta aula darei início ao estudo dos transportes membranares, nomeadamente, o movimento de água através da membrana (Osmose).

Na aula que irei leccionar ao 9.º ano, inserida na Subunidade Sistema Neuro-Hormonal, irei propor a um aluno que, assumindo um papel de professor, faça um resumo da aula anterior leccionada pela Filipa acerca do Sistema Nervoso Central, e, a partir daí, vou introduzir novos conceitos acerca do Sistema Nervoso Periférico e realizar algumas actividades de aprendizagem que realcem o carácter voluntário e involuntário dos nossos actos, tal como por exemplo, bater com a mão na rótula do joelho.

Considero o dia de amanhã uma prova de fogo. Como iniciarei o 2.º Período? Como irão os alunos receber-me? Tudo respostas que vou obter amanhã, certamente.

A prova de fogo.

15.02.2001

Se disser que dormi bem esta noite, minto. Cheguei à escola às 8:10 e dirigi-me para a sala de aula, de modo a iniciar a prova de fogo.

De um modo global acho que o dia correu bem. Penso que preparei as três aulas de forma dinâmica e com estratégias de ensino cativantes para os alunos. Apliquei actividades de síntese no início da aula, exercícios para consolidação de conteúdos e de aplicação. No entanto, gostaria que algumas destas estratégias tivessem tido um melhor resultado com o turno da manhã, na turma do 9.º ano. Os alunos estavam agitados e, possivelmente, não apliquei as actividades sobre “actos voluntários e involuntários” da melhor forma. Coloquei, por exemplo, todos os alunos a bater as palmas junto à face de um colega, de modo a verificar o movimento involuntário da retina, quando deveria ter chamado apenas dois alunos para executar o exercício como exemplo para toda a turma.

Após uma reflexão com a Orientadora Cooperante sobre a aula, alterei a estratégia com o turno da tarde e o resultado foi muito melhor. Não se gerou balbúrdia nem confusão.

A aula do 10.º ano foi a aula que até hoje mais me fez sentir realizada. Apliquei de igual forma exercícios de síntese, em formato de jogo, de modo a integrar os novos conteúdos a leccionar e a aula, no meu ponto de vista, correu muito bem. Senti os alunos interessados no tema, empenhados em perceber o processo de Osmose e os momentos de silêncio, numa turma de 27 alunos, fizeram-se “ouvir” e foram apreciados. Não houve desordem, o que me ajudou a estar exclusivamente focada na explicação de termos, conceitos e factos, proporcionando uma atmosfera de aprendizagem produtiva.

A entrada no 2.º período revelou-se positiva. A prova de fogo foi superada.

Alunos “em bruto”.

23.03.2011

Desde o primeiro dia que sempre reflecti sobre o que tinha corrido melhor ou pior nas minhas aulas. No entanto, o facto de, a esta altura, ainda não me sentir tão animada a dar uma aula à turma do 9.º ano, como acontece com a turma do 10.º ano, fez com que, ultimamente, pensasse mais assiduamente nos aspectos que devo melhorar, no que toca à forma como encaro as aulas do 9.º ano, principalmente no que diz respeito ao turno da manhã.

Ter de lidar com alunos “em bruto”, quer isto dizer, lidar com alunos com comportamentos por refinar e polir, que facilmente se distraem e conversam, faz-me ponderar algumas das minhas estratégias e postura. Lapidar as atitudes dos alunos mas desinteressados e conversadores é um dos aspectos que tenho reflectido, porque se, no início, o ideal de uma aluna estagiária é manter uma turma atenta, silenciosa e interessada nos conteúdos, sabemos que isso, na maioria da vezes, não acontece.

Confesso que dar uma aula ao turno da manhã, da turma do 9.º ano, me desgasta três vezes mais do que dar uma aula ao outro turno, ou à turma do 10.º ano. E por isso, sinto que, a vontade e a motivação com que vou dar uma aula à turma do 10.º ano é muito maior, do que aquela que tenho quando vou dar uma aula ao 9.º ano.

Ontem foi mais um dia em que leccionei uma aula à turma do 9.º ano. Tal como vem sendo hábito, dar a aula ao turno da manhã foi cansativo e muito exigente. Mas tentei fazer o meu melhor.

O tema da aula, inserido na Unidade Transmissão da Vida, centrou-se na compreensão das transformações morfológicas e fisiológicas que ocorrem na adolescência, na compreensão do funcionamento do ciclo sexual e a forma de actuação das glândulas endócrinas humanas, particularmente os ovários e testículos.

Comecei a aula com a apresentação da música “Não há estrelas no céu”, de Rui Veloso, de modo a fazer ponte com o que foi leccionado na aula anterior e a motivar os alunos para o estudo do tema da aula. A análise e reflexão sobre a letra da canção, permitiu aos alunos relembrar algumas das transformações físicas e psicológicas que ocorrem a partir da puberdade.

Gostei de aplicar esta estratégia de ensino e voltarei, certamente, a aplicá-la no futuro. Acho que é uma estratégia diferente e motivadora para abordar o tema: ”O que muda na puberdade?”.

Após a análise da letra da música abordei, de forma leve, não muito exaustiva, a função e localização das glândulas endócrinas humanas, baseando-me numa ficha de trabalho. Esta actividade permitiu salientar quais as hormonas que têm um papel relevante no ciclo sexual, que foi leccionado seguidamente.

Para que compreendessem as transformações que ocorrem nos ovários e no útero, durante um ciclo sexual, distribuí por cada aluno cartões com imagens e termos, que cada um teve de colar num esquema representativo do ciclo sexual, incompleto e em cartolina.

Acho que o processo de ensino e aprendizagem sai favorecido sempre que os alunos se sentem activos na realização das actividades. Por isso, esta estratégia de ensino visou essencialmente fomentar a motivação, cativar os alunos e englobar toda a turma na realização da tarefa.

Mesmo assim, apesar do meu esforço, ainda é difícil focar alguns alunos do turno da manhã na realização deste tipo de actividades. Já imaginava que alguns cartões antes de serem colados no esquema fossem colados na face, na testa e no cabelo de alguns alunos. Mas a missão foi cumprida. O esquema foi completo.

O tempo voa. Já vem sendo hábito não conseguir executar todas as actividades de aprendizagem que tinha planeado com o turno da manhã. As preparações definitivas de folículos e ovário de coelha só consegui mostrar aos alunos do turno da tarde.

Se, com o turno da manhã, na maioria das vezes, não tenho tempo para aplicar todas as actividades, para o turno da tarde é sempre bom ter mais uma actividade extra na manga. Uma aula com esse turno corre sempre com maior rapidez e sinto que é mais produtiva.

Reflexão sobre a Visita de Estudo ao Planetário Calouste Gulbenkian e Museu da Electricidade.

25.02.2011

Tal como proposto no Plano de Actividades para o presente ano lectivo, estava prevista uma visita de estudo, a ser realizada a 24 de Fevereiro, pelas turmas 10.º CT1 e 10.º CT2, ao Museu da electricidade e ao Planetário Calouste Gulbenkian.

Foram à visita de estudo 25 alunos da turma 10.º CT1 e 23 da turma 10.º CT2. A acompanhar estavam quatro professores das áreas de Biologia e Geologia e Física e Química A.

Eu e a Filipa tivemos sorte, acho que assim o posso dizer, de haver lugar no autocarro e poder ir à visita, assumindo o papel de responsabilidade de um professor neste tipo de actividades e aprender como se deve proceder nestas ocasiões.

Foi uma experiência fantástica e mostrou-me o quanto as visitas de estudo são importantes para o processo de ensino e aprendizagem, quando verdadeiramente produtivas.

Por volta das 8:30 o autocarro partiu em direcção a Lisboa. Após uma paragem para um pequeno lanche chegámos ao Museu da Electricidade às 11:00, tal como previsto.

Depois do contacto inicial com o museu e da informação da nossa chegada, as duas turmas forma separadas, formando-se dois subgrupos que fizeram a visita separadamente. Um guia acompanhou a nossa visita que decorreu durante uma hora e quarenta e cinco minutos. Com detalhe técnico e boa disposição, o guia explicou a história do funcionamento da Central, focando aspectos sociais dos trabalhadores da Central, condições de trabalho e o processo de produção de energia. Após a visita guiada cada aluno teve a possibilidade de executar experiências interactivas, que adoraram.

Após o almoço na zona de Belém, chegámos ao Planetário às 14:15 e a sessão iniciou- -se às 14:30. Balanço final da sessão: Desilusão.

Achei a sessão demasiado teórica, o dinamizador um pouco deselegante e não houve muito rigor científico na abordagem dos conteúdos.

Após a sessão, os alunos puderam ver a exposição permanente do Planetário e responder às questões que estavam no guião da visita.

Chegámos a Évora às 18:30. O comportamento dos alunos durante a visita foi bom e na generalidade a visita revelou-se muito positiva.

O processo de ensino e aprendizagem não passa somente pelo ambiente de sala de aula. Este tipo de actividades, de carácter motivador, são importantes porque valoriza a relação professor-alunos e fomenta a aquisição de conhecimentos e técnicas, em ambiente lúdico.

Penso que uma visita de estudo não deve ser meramente uma excursão. Deve, por outro lado, quando bem preparada, planificada e definidos os objectivos, promover a aquisição de competências procedimentais e atitudinais, a serem integradas na realidade escolar. São muitas vezes, ou deveriam ser, uma forma diferente de abordar alguns dos temas leccionadas em sala de aula.

Acontece frequentemente, os alunos só compreendem determinados termos e conceitos visualizando exemplos concretos e reais. E isso é possível com a realização das visitas de estudo.

O dia de ontem.

27.04.2011

O dia de ontem marcou o início do 3.º período. Dei uma aula ao 9.º ano.

A entrada no 3.º período revelou-se mais serena, sem grande ansiedade, mas como vai sendo hábito, a noite foi mal dormida.

Comecei a leccionar uma nova subunidade – Noções Básicas de Hereditariedade – e as minhas expectativas eram grandes. Acho o tema motivador. Saber qual a razão de serem parecidos com os seus pais, possuírem a mesma cor dos olhos e do cabelo, são alguns exemplos que elevam o interesse da maioria dos alunos.

Na minha perspectiva, tinha a aula bem estruturada, com estratégias de ensino motivadoras, de modo a criar uma atmosfera de aprendizagem dinâmica e atraente. O meu agrado em dar esta aula era tanto, que penso ter planeado demasiadas actividades para 90 minutos. A maioria dos alunos também se mostrou interessada no tema e as perguntas foram frequentes, tomando mais tempo à aula. Mas não há problema. Na próxima semana termino o que tinha delineado.

Tal como planeado, a aula teve início com a realização de uma actividade de diagnóstico. Cada aluno teve de escrever uma pequena frase em que referisse “Como é que uma mensagem é transmitida de uma geração à seguinte”. A maioria dos alunos referiu os genes e o ADN como sendo a base para a transmissão de características, tal como mostram estes exemplos:

*“Transmite-se a partir dos genes e talvez do ADN, não sei.”*

*“Uma mensagem para se transmitir de geração em geração precisa de ADN e também da informação que está no núcleo dos gâmetas.”*

*“É por causa dos genes.”*

*“Quando ocorre a fecundação do oócito pelo espermatozóide o ADN da mulher mistura-se com o do homem e assim define-se o ADN do embrião.”*

Um aluno perguntou-me se podia dar uma resposta mais filosófica. Com a minha permissão, escreveu: *“Eu acho que as mensagens transmitem-se de geração em geração através da essência dos nossos familiares passados.”*

Quando questionados onde se situa o ADN e os genes, alguns mencionaram o sangue e a medula óssea, por exemplo (*“Através do sangue, porque uma família tem o mesmo sangue.”*). A maioria não identificou o núcleo das células como sendo o local onde está contida a informação genética.

Desfeitas as concepções alternativas erradas, a aula continuou. Um dos momentos em que os alunos se mostraram mais interessados foi aquando da referência de algumas doenças associadas a alterações cromossómicas, tal como a Síndrome de Down, Síndrome de Turner e Klinefelter, e o Daltonismo, doença ligada a um alelo recessivo. As perguntas foram frequentes e o transporte para exemplos que os próprios alunos conheciam aconteceu naturalmente. Nesta altura, o tempo voou. Esta estratégia demorou mais tempo do que tinha previsto.

A estratégia de identificação de características dominantes e recessivas no corpo humano também foi enriquecedora. No futuro, vou voltar a repeti-la. Penso que é uma estratégia interactiva e que funciona muito bem para introduzir os termos “Dominante” e “Recessivo”.

É certo, e tenho consciência disso, que na aula do turno da manhã houve situações em que alguns alunos manifestaram um certo burburinho. Usualmente não perdoo. Ter um comportamento ordeiro é imperativo. Mas, nesta aula, como estava tão concentrada a responder às questões de alguns alunos, possivelmente não fui tão firme em manter a disciplina dos restantes. No entanto, penso que o balanço foi positivo.

Noto diferenças. Deverei estar melhor do que quando iniciei o estágio. Adquiri alguma experiência ao longo do tempo, mas ainda há muito a aprender. Dou por mim a querer atingir um trabalho cada vez melhor.